Comentários

Não só a divulgação de ambiciosas intenções de plantio dos fazendeiros dos EUA contribuirá para o futuro recuo das cotações. A parcela que faltar na oferta brasileira ao mercado mundial será suprida pelos incrementos já registrados nas produções argentina e paraguaia.

Como novo fator positivo, do lado da demanda, surge a redução da safra soviética de girasol, já vista como inferior a 6 milhões de t, o que obrigará a URSS a adquirir quantidades de soja superiores às do ano passado para aproveitar a sua capacidade de esmagamento.

TRIGO

DISCUSSÕES DO ACORDO: NOVO FRACASSO

O novo fracasso nas negociações para a substituição do Acordo Internacional do Trigo, de 1971, não foi, de modo algum, inesperado. As divergências entre e (intra) blocos de países, que levaram ao encerramento das reuniões sem um texto final para o pacto e adiaram indefinidamente a solução do problema, já eram conhecidas há algum tempo.

POSSIBILIDADES DE REDISCUSSÃO . . .

Há possibilidades, contudo, de reinício das discussões no mês de maio, em Manilha, na reunião da UNCTAD. Até lá, prosseguirão os debates do GATT, em Genebra, cujas negociações multilaterais, ao contrário do que se chegou a pensar, não foram prejudicadas pela inexistência de um Acordo do Trigo.

. . . IMPROVÁVEIS

Mas, provavelmente, a solução não sairá de nenhum desses dois foros. Na reunião de Manilha, ocorrerá novo confronto entre o mundo industrializado e os países exportadores de matérias-primas. O trigo, majoritariamente cultivado em terras do primeiro, dificilmente figurará com destaque, no âmbito da UNCTAD. Em Genebra, por outro lado, a experiência passada mostrou que as *multilateral trade negociations* prescindem da presença dos problemas do cereal para continuarem.

A CRIATIVIDADE DOS EXPORTADORES

Diversas alternativas são imaginadas no lado dos produtores-exportadores, maiores interessados no Acordo (vide Agroanalysis, vol. 3, nº 1). Os EUA sugerem a adoção de subsídios à exportação de seu produto para não serem obrigados a ceder parcelas do mercado a seus concorrentes. Paralelamente, tentam compor acordos comerciais com os demais países exportadores, enquanto, internamente, manifesta-se a pressão de *lobbies* agrícolas para a criação de um cartel do cereal, nos moldes da OPEP,

Esta última opção, freqüentemente lembrada nos últimos anos, afigura-se improvável, porquanto, de imediato, exigiria composição cuidadosa, sob a vigência de leis anti-truste nos EUA, além de se chocar com as intenções de livre comércio do atual governo norte-americano.

CARTEL: A SOLUÇÃO INVIÁVEL

O funcionamento deste cartel, cujo objetivo precípuo seria a elevação e sustentação dos preços internacionais em níveis favoráveis a seus membros, seria obstaculizado pela própria estrutura do mercado. Atraídos pelos preços, pequenos produtores de hoje (Suécia, Turquia e outros) lançar-se-iam ao plantio. O potencial de expansão do trigo em áreas atualmente marginais é grande e, em pouco tempo, estaria inviabilizado o cartel, também em razão da dispersão, pelo globo, dos velhos e novos produtores. Igualmente fácil seria a substituição do trigo, entre os importadores, por sucedâneos, como o arroz, o milho, etc, quando as toneladas importadas pesassem excessivamente em suas balanças de comércio. Deste modo, pode-se supor que a próxima reunião do International Wheat Council, em Londres, em 19/3, optará pela prorrogação, por mais um ano, dos envelhecidos termos do Acordo de 1971.

E A SAÍDA PROVÁVEL

Para o Brasil, isto significará a certeza da obtenção de trigo barato no exterior, visando à complementação da produção doméstica.

AS NECESSIDADES BRASILEIRAS DE IMPORTAÇÃO

As necessidades brasileiras gerarão importações próximas a 4 milhões de t, possivelmente abaixo do volume adquirido em 1978, em razão do melhor resultado conseguido na safra do ano passado, do aproveitamento de estoques remanescentes e do ingresso de parte da safra paranaense, no início do segundo semestre.

Considerando-se um preço em torno de US$ 140/t, o dispêndio com o trigo ficaria ao redor de US$ 560 milhões em 1979, mantendo-o como o segundo item em nossa pauta de importações.

UM DIA, TALVEZ, A AUTO-SUFICIÊNCIA

Contudo, a esperada ampliação da área plantada gaúcha (estimada, em 50%), a expansão da triticultura em regiões pioneiras e a ausência de um esquema internacional de valoorização do cereal, contribuirão para reduzir o volume de divisas evadidas nas compras externas de trigo. Os dois primeiros fatores, mantêm viva a esperança de que o país será capaz, um dia, de se tornar menos dependente das importações.